

O HUMANO COMO OBJETIVO DA EDUCAÇÃO MUSICAL: O PENSAMENTO PEDAGÓGICO-MUSICAL DE HANS JOACHIM KOELLREUTTER

Teca Alencar de Brito

Resumo

Este trabalho discorre sobre o pensamento pedagógico-musical de Hans-Joachim Koellreutter (1915-2005), compositor, ensaísta e educador alemão naturalizado brasileiro, que chegou ao Brasil em 1937, em virtude de problemas advindos do nazismo.

Personalidade expressiva, Koellreutter atuou de modo dinâmico, ousado, polêmico e inovador, tornando-se responsável por ações/reflexões de significativa importância no cenário musical e cultural brasileiros.

A proposta pedagógica que ele desenvolveu e amadureceu ao longo de sua vida visava a formação integral de seres humanos e não apenas a formação musical especializada. Ao mesmo tempo, considerando o dinamicismo que é próprio ao sistema musical, Koellreutter apontava para a necessária atualização das ideias de música, com atenção e respeito à construção e à transformação das ideias de música das crianças.

Tive o privilégio de conviver e estudar com Hans-Joachim Koellreutter ao longo de muitos anos, fato que me estimula a compartilhar os ideais defendidos por ele, os quais buscavam colaborar com a transformação qualitativa do ser humano e de sua vida nas sociedades contemporâneas.

Palavras chave: H.J Koellreutter, educação musical, improvisação

Introdução

Hans-Joachim Koellreutter (1915-2005), compositor e educador musical alemão, naturalizado brasileiro, chegou ao Brasil em 1937, tornando-se uma das mais expressivas personalidades da música e da cultura brasileiras. Ainda que dissertar sobre sua longa trajetória em solo brasileiro não seja, neste contexto, a questão central, é importante destacar a importância de sua dinâmica atuação ao longo de muitos anos.

Foi Koellreutter quem instituiu no Brasil os cursos de férias; quem criou o Departamento de Música da Universidade Federal da Bahia, em Salvador, onde foi diretor entre 1954 e 1962, os Seminários Livres da Pró-Arte em São Paulo e em Piracicaba, dentre outras importantes iniciativas. Formou várias gerações de músicos e compositores, levou o jazz e a música popular para a escola de música, sempre instigando, provocando, pensando e estimulando o pensar. Seu nome está frequentemente relacionado à sua atuação junto ao movimento “Música Viva”, assim como à ira que causou àqueles que não foram capazes de apreender, em suas posturas estéticas, o desejo de crescimento e de transformação do ser humano.

As composições musicais de Hans Joachim Koellreutter denotavam coerência com os postulados que ele defendia, traduzindo o mundo que percebia, vivenciava, conscientizava, e sobre o qual refletia constante e insistentemente. Fazer música era, para ele, um meio de ampliar a percepção e a consciência, potencializando a possível superação de preconceitos, de pensamentos dualistas e de posturas individualistas, dentre outras importantes questões em nossas sociedades contemporâneas.

Apesar de ser reconhecido como o “grande mestre” de muitas gerações de músicos brasileiros, as reflexões, as pesquisas e as propostas pedagógicas de Koellreutter voltadas à formação integral dos seres humanos e não apenas à formação de músicos, ainda são, a meu ver, pouco conhecidas e entendidas.

As proposições pedagógicas de H-J Koellreutter, desenvolvidas no decorrer de sua vivência e experiência como músico e professor, sintonizam-se com o pensamento de pedagogos, cientistas e filósofos contemporâneos os quais apontam para novas possibilidades de trilhas e trajetórias no exercício de ser humano – integralmente.

Convivendo com distintos modos de ser e viver, posto que também viveu no Índia e no Japão, afora o fato de ser um alemão naturalizado brasileiro, Koellreutter interessou-se bastante pelos estudos acerca da questão da consciência. Para ele, “a maneira como o ser humano vive, experimenta, imagina e vê o mundo depende da estrutura e do nível de sua consciência” (Koellreutter, H-J, 1990, p.01). Entendendo que a Consciência “é a vida propriamente dita”, ele se dedicou ao estudo do conceito, aproximando-se, para tanto, da filosofia, da ciência e da arte.

Sua formação e campos de interesse levaram-no a buscar meios para realizar trabalhos interdisciplinares nos quais a música dialogava dinamicamente com outras áreas do conhecimento. Tendo convivido com os graves problemas decorrentes de movimentos como o fascismo e o nazismo, o compositor alemão vislumbrou na educação - com e pela música - a possibilidade de criar uma nova consciência, capaz de superar os sérios problemas causados pelos sistemas totalitários.

A proposta pedagógica de H-J Koellreutter teve como pilares:

1. Os princípios orientadores

- 1.1 Aprender a apreender dos alunos o que ensinar sendo que, a este respeito, ele costumava dizer que o melhor momento para ensinar um conceito é quando o aluno quer saber
- 1.2. Questionar tudo, sempre: perguntar “por quê”? (alfa e ômega, princípio e fim da ciência e da arte)
- 1.3. Não ensinar ao aluno o que ele pode encontrar nos livros.

2. A atualização de conceitos musicais, de modo a viabilizar a incorporação de elementos presentes na música contemporânea no trabalho de educação musical.

3. O relacionamento e a interdependência entre a música, as demais artes, a ciência e a vida cotidiana.

Abordarei, no contexto deste artigo, os aspectos norteadores da ação pedagógica proposta por Hans Joachim Koellreutter:

1- O objetivo da educação musical

Como artista e educador, Koellreutter priorizou a importância e o significado da música (e da arte) na vida humana, considerando que cada sociedade, com suas características e necessidades próprias, condiciona um tipo de arte. Assim sendo, a educação musical não era entendida como meramente um meio para a aquisição de técnicas e procedimentos necessários à realização musical.

Considerando que o avanço tecnológico e o aumento da densidade demográfica, próprios às sociedades urbanas contemporâneas gerou “culturas de massa constituídas por uma pluralidade de indivíduos cuja consciência do eu e cujo senso de responsabilidade social vêm sendo reduzidos ao mínimo” (Koellreutter, H-J, 1998, p.43), o músico alemão acreditava que – mais do que apenas orientar para a profissionalização de musicistas, a educação musical deveria ser aceita como

meio que tem a função de desenvolver a personalidade do jovem como um todo; de despertar e desenvolver faculdades indispensáveis ao profissional de qualquer área de atividade, como, por exemplo, as faculdades de percepção, as faculdades de comunicação, as faculdades de concentração (autodisciplina), de trabalho em equipe, ou seja, a subordinação dos interesses pessoais aos do grupo, as faculdades de discernimento, análise e síntese, desembaraço e autoconfiança, a redução do medo e da inibição causados por preconceitos, o desenvolvimento de criatividade, do senso crítico, do senso de responsabilidade, da sensibilidade de valores qualitativos e da memória, principalmente, o desenvolvimento do processo de conscientização do todo, base essencial do raciocínio e da reflexão. [...]

Trata-se de um tipo de educação musical que aceita como função a tarefa de transformar critérios e idéias artísticas em uma nova realidade, resultante de mudanças sociais (Koellreutter, H. J, 1998, p 39-45).

Processos de educação musical que tenham como objetivo a formação integral do ser humano só podem acontecer em contextos que respeitem e estimulem os alunos a explorar, experimentar, sentir, pensar, questionar, criar, discutir, argumentar... Propostas que propiciem o desenvolvimento da autodisciplina e da capacidade de refletir, de questionar, de criticar, dentre outros aspectos, tornam-se, então, aspectos fundamentais em tal proposta, promovendo situações para o exercício da comunicação e do relacionamento humano, estimulando o debate e a conscientização de aspectos relativos à música e ao humano.

É importante ressaltar que o projeto de educação ao qual me refiro neste trabalho amadureceu depois da volta do compositor ao Brasil no final da década de setenta do século passado. Vale lembrar, entretanto, que toda a sua ação como professor nos cursos de composição, harmonia, contraponto, Estética etc, ou seja, nos contextos dedicados à formação e/ou aperfeiçoamento de músicos fundava-se no respeito à singularidade de cada aluno ou grupo, na construção de sentidos e significados, no desenvolvimento de um pensamento crítico e criativo.

Favorecendo o acontecimento de ambientes que integravam prática e reflexão; revendo os modos de pensar e organizar os currículos e planos de trabalho, entre muitos outros aspectos, H.j Koellreutter buscava transformar modos de ser e de conviver, destacando aspectos cuja importância e valor seguem sendo debatidos e considerados no cenário da educação, não só musical.

2- A questão do método

“- Meu método é não ter método. O método fecha, limita, impõe... e é preciso abrir, transcender, transgredir, ir além...”

H-J Koellreutter

Koellreutter guiava-se, prioritariamente, pela observação e respeito ao universo cultural do aluno com seus conhecimentos prévios, necessidades e interesses, buscando, assim, viabilizar processos significativos de educação musical. A participação ativa, a criação, o debate, a elaboração de hipóteses e a análise crítica, sempre foram princípios inerentes aos projetos pedagógicos propostos e/ou coordenadas por ele.

H-J Koellreutter propunha a superação do currículo fechado, que determina

previamente os conteúdos a serem transmitidos sem uma averiguação e avaliação criteriosa do que realmente é importante ensinar a cada aluno ou grupo, em cada contexto ou momento. São dele as palavras que se seguem, proferidas no ano de 1954, na abertura do Primeiro Seminário Internacional de Música, em Salvador, Bahia:

“Sabemos que é necessário libertar a educação e o ensino artísticos de métodos obtusos que ainda oprimem os nossos jovens e esmagam, neles, o que possuem de melhor. A fadiga e a monotonia de exercícios conduzem à mecanização tanto dos professores quanto dos alunos. [..]

Inútil a atividade daqueles professores de música que repetem, doutoral e fastidiosamente, a lição já pronunciada no ano anterior. Não há normas, nem fórmulas, nem regras, que possam salvar uma obra de arte na qual não vive o poder de invenção. É necessário que o aluno compreenda a importância da personalidade e da formação do caráter para o valor da atuação artística e que na criação de novas ideias reside o valor do artista.” (Koellreutter, H-J, 1997, p.31)

Se, por um lado, Koellreutter acreditava que um método fechado seria uma forma de opressão e limitação do processo de formação, ele defendia, por outro, a necessidade de contar com princípios ordenadores e metodológicos, afirmando que o professor nunca deveria perder o “fio vermelho” organizador do trabalho.

Preocupava-o, isso sim, superar os ambientes de trabalho fundados sob a rigidez de métodos fechados, sequenciais, lineares que, preocupados com “o quê” ensinar, “na hora certa”, perdiam de vista a oportunidade de transformar a construção do conhecimento em aventura compartilhada, em jogo, em efetivo significado das experiências, próprios ao acontecimento que se instaura nos ambientes em que o percurso se constrói ao caminhar. Os métodos estritos, segundo colocações de Koellreutter [...] limitam em muito a interação do professor com seus alunos, que sequer chega a escutá-los efetivamente. O método, nesse sentido, é um muro. Sistema fechado, que não troca, que não sobrevive. (Brito, 2007, p.240-241)

Hans-Joachim Koellreutter chamou a atenção, desde a primeira metade do século XX, para a necessária implantação de um ensino personalizado, singular, criativo e que, acima de tudo, respeite cada aluno. Sua experiência como professor, sempre ligada à formação de músicos (alunos de composição, harmonia, contraponto, regência, estética etc), permitiu-lhe colocar em prática princípios adequados a toda e qualquer situação educacional, gerando reflexões que colaboraram no sentido de redimensionar o papel da música na educação, de um modo geral, e não apenas nos cursos de formação profissional de músicos.

3- Currículos e conteúdos: ensinar “aquilo que o aluno quer saber”

Koellreutter sempre propôs a superação do currículo fechado e prescrito, que não averigua ou avalia o que realmente é importante ensinar a cada aluno ou grupo, em cada contexto e momento do processo. Orientava os professores, nos cursos de atualização

pedagógica, para que ensinassem “aquilo que o aluno quer saber”:

“É preciso aprender a apreender do aluno o que ensinar”, cansou de repetir, influenciado pela fenomenologia do filósofo francês M. Merleau-Ponty (1908-1961). “A melhor hora para apresentar um conceito, ou ensinar algo novo, é aquela em que o aluno quer saber. O professor deve estar sempre atento e preparado para perceber e atender às necessidades de seus alunos”- completava.

Disse-nos mais, em muitas de suas aulas:

Não é preciso ensinar nada do que o aluno pode encontrar nos livros, pois essas questões ele pode resolver sozinho. É preciso aproveitar o tempo para fazer música, para improvisar, experimentar, discutir e debater. O mais importante é - sempre - o debate; nesse sentido, os problemas que surgem no decorrer do trabalho são mais importantes do que as soluções. (Koellreutter, 1982)

Seguindo esse raciocínio o professor - muitas vezes - aconselhou:

Não acreditem em nada do que dizem os livros. Não acreditem em nada do que dizem seus professores. Não acreditem em nada do que vocês vêem ou, mesmo, pensam. E também não acreditem em nada do que eu digo. Perguntem sempre por que a tudo e a todos. Tenham uma placa com um “Por quê?” bem grande escrito, em cima da cama de vocês e logo ao acordarem leiam e perguntem “por quê”? (Koellreutter apud Brito, 2001)

A dúvida sempre foi, para Koellreutter, mola mestra de seu modo de ser e pensar. Mas é preciso cuidado para não confundir sua postura e orientação para questionar com a busca de respostas exatas, racionais e objetivas. Ao contrário, seu interesse foi sempre o de ampliar, transformar, repensar, integrar e, especialmente, lidar com a subjetividade inerente a todas as coisas. “Objetividade refere-se àquilo que tem um mínimo de subjetividade”, completava.

A estética e a teoria da música do nosso tempo partem do conceito de um universo sonoro que é considerado como um todo dinâmico e indivisível, que sempre inclui o homem num sentido essencial. Estética e teoria partem do conceito de um mundo que deixou de ser ou subjetivo ou objetivo para tornar-se *onijetivo*, ou seja, tanto subjetivo quanto objetivo. (Koellreutter, H-J, 1997, p.49).

É importante reforçar o fato de que a preocupação com a abrangência de conteúdos visou o desenvolvimento de um trabalho relacional, questionador, transformador e que estimulasse a capacidade de criar.

Em substituição à postura didática tradicional que “se limita a transmitir os conhecimentos herdados, consolidados e frequentemente repetidos em aulas de doutoral e fastidiosa atuação do professor” (Koellreutter H.J, 1997, p 41), Koellreutter propôs o ensino que chamou de **pré-figurativo**, que “orienta e guia o aluno, porém não o obriga a sujeitar-se à tradição, valendo-se do diálogo e de estudos concernentes àquilo que há de existir ou pode existir, ou se receia que exista. Um sistema educacional em que não se ‘educa’ no sentido tradicional, mas, sim, em que se conscientiza e orienta por meio do

diálogo e do debate.” (Koellreutter, H.J, 1997, p. 41).

O ensino pré-figurativo das artes é parte de um sistema de educação que incita o homem a se comportar perante o mundo não como diante de um objeto, mas como o artista diante de uma obra a criar. (Koellreutter, H-J, 1997, p.55)

Ensinar a teoria musical, a harmonia e o contraponto como princípios de ordem indispensáveis e absolutos, é pós-figurativo. Indicar caminhos para a invenção e criação de novos princípios de ordem é pré-figurativo.

Ensinar o que o aluno pode ler em livros ou enciclopédias, é pós-figurativo. Levantar sempre novos problemas e levar o aluno à controvérsia e ao questionamento de tudo que se ensina, é pré-figurativo.

Ensinar a história da música como consequência de fatos notáveis e obras-primas do passado, é pós-figurativo. Ensiná-la, interpretando e relacionando as obras-primas do passado com o presente e com o desenvolvimento da sociedade, é pré-figurativo.

Ensinar composição, fazendo o aluno imitar as formas tradicionais e reproduzir o estilo dos mestres do passado, mas, também, os dos mestres do presente, é pós-figurativo. Ensinar o aluno a criar novas formas e novos princípios de estruturação e forma, é pré-figurativo. (Koellreutter, H.J, 1997, p.42)

Para Hans-Joachim Koellreutter, a educação musical deve considerar o estágio em que se encontram nossas sociedades, em virtude do desenvolvimento tecnológico e científico acelerados, em virtude dos problemas sócio-econômicos, das diferenças culturais, dos interesses e modos de pensar de nossas crianças e jovens, já que este amplo e complexo quadro exige a revisão permanente do papel que a música tem a desempenhar na formação dos futuros cidadãos. Segundo ele, o ensino pré-figurativo poderá preparar os jovens para viver numa época em que as transformações ocorrem em ritmo cada vez mais acelerado; por isto, esta é uma concepção de educação para o futuro, que implica em formação e reciclagem permanentes dos educadores.

O ensino pré-figurativo aponta para caminhos futuros por também respeitar o presente, o contexto e as possibilidades que se apresentam, sempre com vistas a preservar e enriquecer o espírito criador. Essa é a metodologia de Koellreutter, como podemos constatar:

A minha maneira de trabalhar parte sempre do aluno, dele para mim e não o contrário. O assunto das aulas resulta sempre de um diálogo, de uma discussão entre os dois pólos: aluno e professor. [...] O problema é como motivar os alunos, criando uma situação de polêmica que lhes interesse ou então simplesmente partindo da prática musical, que tem que ser renovadora. Portanto, o melhor é a improvisação, utilizando todos os elementos que possam soar. (Koellreutter apud Kater, 1997, p.134)

5- A improvisação como ferramenta pedagógica

A improvisação se constitui em ferramenta fundamental na metodologia proposta por HJ Koellreutter posto que, segundo o compositor, sua prática propiciaria a vivência e a conscientização de importantes questões musicais. Estas, seriam trabalhadas ao lado de aspectos relativos ao modo humano de ser, tais como, autodisciplina, tolerância, respeito, capacidade de compartilhar, criar, refletir etc.

O trabalho com a improvisação propiciaria, a um só tempo, a possibilidade de dialogar e também de introduzir os conteúdos musicais adequados e necessários ao processo de formação.

Visando à educação e à formação musical e humana, o trabalho com a improvisação

deveria focar os aspectos necessários em cada momento do processo, o que levava Koellreutter a repetir muitas vezes em suas aulas que não havia “nada que precise ser mais planejado do que uma improvisação”, alertando para a confusão que não raro acontece já que, para muitos, improvisar é apenas fazer “qualquer coisa”. “Para improvisar é preciso definir claramente os objetivos que se pretende atingir. É preciso ter um roteiro, e a partir daí, trabalhar muito: ensaiar, experimentar, refazer, avaliar, ouvir, criticar etc...”, ele completava.

Koellreutter desenvolveu uma série de jogos que chamou de modelos de improvisação: jogos criativos que propõem a vivência e a conscientização de aspectos musicais fundamentais, estimulando a reflexão e preocupando-se, também, em sugerir situações para o exercício de uma nova estética musical. Ele, que sempre defendeu a integração entre os níveis sensível e intelectual, de um lado, musical e humano, de outro, encontrou nos jogos de improvisação com finalidades pedagógicas, os aliados fundamentais ao processo educacional. “Toda improvisação deve ter uma finalidade musical e também humana, como desenvolver a concentração (autodisciplina)”, ele defendia.

6- Percepção e consciência

O processo de formação musical proposto por Koellreutter respeita o nível de percepção e consciência de cada aluno(a). Aliás, todo o seu discurso é permeado pela questão da consciência que, sem dúvida, ocupa lugar de destaque em suas reflexões.

Fundamentando-se nas relações entre a psicologia da *gestalt*, a fenomenologia e a física quântica, Hans-Joachim Koellreutter definiu consciência como “a capacidade do homem de apreender os sistemas de relações que o determinam: as relações de um dado objeto ou processo a ser conscientizado com o meio ambiente e o eu que o apreende”.

O conceito de consciência sustentado por ele não se refere ao conhecimento formal, nem ao mero conhecimento ou qualquer processo de pensamento, mas, sim, a uma forma de interrelacionamento constante, um ato criativo de integração. Ele afirmava a existência de três tipos de consciência: intuitiva, racional e arracional, associadas à crença irracional, à especulação científica e à transcendência destes.

Koellreutter considera os níveis de conscientização humana presentes no decorrer da história e também na vida de cada indivíduo, como de significativa importância para a compreensão do processo de criação e expressão humanas, bem como para o processo de formação e educação. Ele chamava a atenção para o fato de que devemos considerar a transformação da consciência como enriquecimento, como ampliação da percepção numa dimensão nova e não como mero progresso, que resultaria no afastamento da origem e no distanciamento do todo.

Por considerar as características globais do estágio atual de nossa civilização e a transformação da consciência do ser humano deste novo tempo, H-J Koellreutter conferiu grande importância à música do século XX e, com ela, toda uma nova terminologia, princípios estéticos e estruturais. Mas “todas as músicas”, de épocas, gêneros e estilos diversos eram valorizadas e trabalhadas em sua proposta pedagógica, seja em situações de escuta e análise, seja em situações de interpretação.

Conclusão

O desenvolvimento de projetos de educação musical sintonizados com aspectos enfocados neste texto ainda não é tarefa fácil, especialmente considerando a extensão, o crescimento populacional e os problemas sócio-econômicos e culturais enfrentados pelos países latinoamericanos e caribenhos.

Importante questão diz respeito, a meu ver, à necessidade de reformular programas de

ensino nos cursos de formação de profissionais para o ensino de música. Estes, devem visar o desenvolvimento de uma visão global e integradora do mundo, atendendo, também, à necessária atualização pedagógico-musical, que deve passar pelo enfoque de aspectos relativos à estética da música contemporânea, das músicas não-ocidentais, dos processos de criação, da superação do dualismo fazer/pensar etc...

Será preciso contar, também, com a presença efetiva de profissionais preparados para “aprender dos alunos o que ensinar”, como dizia Koellreutter, para, dessa maneira, favorecer o acontecimento de processos significativos de ensino e de aprendizagem musical. Por enquanto, resistem os métodos homogêneos e padronizados que propõem as mesmas coisas para todos os alunos ou grupos, deixando de lado questões essenciais, tais como o respeito ao interesse, experiência e conhecimento do aluno e a postura efetivamente ativa, que implica em experimentar, criar, analisar, criticar, dialogar e, principalmente, vincular-se afetivamente com o trabalho realizado. Fazendo, refletindo, transformando...

Antes de qualquer coisa, é preciso instalar um sistema político-educacional que valorize a atuação do educador mediante pagamento justo e digno e mediante, também, condições que favoreçam o estudo, a atualização e a pesquisa permanentes. Mais ainda: precisamos contar com salas de aula com espaço, materiais e número de crianças adequados à realização de um bom trabalho. No entanto, podemos e devemos “jogar nossa pedra no lago”, tomando de empréstimo, mais uma vez, palavras de HJKoellreutter:

O mundo intelectual, cultural é um grande lago, onde todos nós jogamos pedras. Umas um pouco maiores, outras menores, mas nós movimentamos este lago. Isto é o que me parece essencial: o movimento. (Koellreutter apud Kater, 1997, p.135).

Encerro dizendo de minha alegria e gratidão pela oportunidade de apresentar, ainda que superficialmente, o pensamento pedagógico de Hans-Joachim Koellreutter que foi, sem dúvida, meu grande Mestre. Não poderiam deixar de ser dele as palavras que finalizam este texto, convidando-nos a - sempre - refletir:

É chegado o tempo de renunciar a títulos, hinos nacionais, bandeiras e insígnias. Teremos de aprender a esquecer que somos doutores, professores, diretores ou alemães, japoneses, indianos, brasileiros, ou qualquer outra nacionalidade, uma vez que se trata do homem. Teremos de aprender a ser, sobretudo gente, apenas gente, e estenderemos nossa consciência nacional a uma consciência supranacional. Teremos de desenvolver o sentimento de solidariedade de todas as nações, a consciência de compromisso perante uma comunidade cultural e política universal. Teremos que entender que tudo o que hoje ainda nos parece particularidade nacional, no fundo é apenas o fenômeno individual de uma só e mesma coisa: ou seja, o ser humano. No séc. XX somos chamados a formar esse homem livre, destituído de preconceitos, que pensa e sente em termos supranacionais, a desenvolver suas capacidades e a preparar um mundo realmente humano. Por isso, parece-me necessário elaborar um sistema educacional em cujo centro se encontre um fórum de intercâmbio de ideias supranacionais - um local de cooperação cultural, uma escola de pensamento universal na medida do homem. (Koellreutter apud Brito, 2001, pp 52-53).

Bibliografia:

BRITO, Teca Alencar de. *Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical*. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis, 2001.

_____. *Criar e comunicar um novo mundo: as ideias de música de H-J Koellreutter*. Dissertação de Mestrado. Programa de Comunicação e Semiótica, PUC/SP, 2004.

KATER, Carlos, *H.J.Koellreutter: música e educação em movimento* In: KATER, C (Org.) *Educação Musical: Cadernos de Estudo nº 6*, BH: Atravez/EMUFG/FEA/FAPEMIG, 1997, pp 06-25.

_____. *Entrevista: Encontro com H.J.Koellreutter*, In: KATER, C. (Org.) *Educação Musical: Cadernos de Estudo nº 6*, BH: Atravez/EMUFG/FEA/FAPEMIG, 1997, pp 131-144.

_____. *Música viva e Koellreutter: encontros em direção à modernidade*. SP: Ed.Musas, 2001.

KOELLREUTTER, Hans.Joachim. *Seminários Internacionais de Música* In: KATER, C (Org.) *Educação Musical: Cadernos de estudo nº6*. Org. Carlos Kater. BH: Atravez/EMUFG/FEA/FAPEMIG, 1997, p.p 29-32.

_____. *Por uma nova teoria da música, por um novo ensino da teoria musical*. In: KATER, C (Org.) *Educação Musical: Cadernos de estudo nº6*. BH: Atravez/EMUFG/FEA/FAPEMIG, 1997, pp.45-52.

_____. *Educação musical hoje e, quiçá, amanhã*, In LIMA, S A de (Org.) *Educadores Musicais de São Paulo: Encontro e Reflexões*, SP:Ed.Nacional, SP, 1998, pp 39-45.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. SP:Martins Fontes, 1996.

Teca (Maria Teresa) Alencar de Brito é Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, Bacharel em Piano e Licenciada em Educação Artística com Habilitação em Música. É professora no Departamento de Música da Universidade de São Paulo-SP, atuando no curso de Licenciatura e na Pós-Graduação. Criadora da Teca Oficina de Música, espaço voltado à educação musical de crianças, adolescentes e adultos, em São Paulo, Brasil, dedica-se também à formação de professores. É autora de livros e artigos na área e produziu 6 cds documentando o trabalho desenvolvido na Teca Oficina de Música.

É a representante do FLADEM no Brasil e integra o Comitê Acadêmico do Movimento Latinoamericano e Caribenho da Canção Infantil.

